

OS AGENTES DO MAL NA LITERATURA DOS IRMÃOS GRIMM

Guilherme Weber Gomes de Almeida¹

RESUMO: A crueldade se faz presente de uma maneira geral em praticamente toda a literatura dos irmãos Grimm. Cabe lembrar que eles não assinaram a autoria original de suas histórias, já que a publicação de *Kinder-Und Hausmärchen* foi resultado de uma pesquisa ampla que visou um mapeamento das manifestações culturais e folclóricas dos povos de origem germânica (há outras publicações como livros e artigos acerca desse estudo, mas a coletânea de contos populares é a obra mais conhecida e estudada até hoje). A cultura popular atual faz uso frequente da expressão “contos dos Grimm” para se referir as histórias coletadas e narradas pelos pesquisadores alemães, mas é conveniente destacar que as mesmas já existiam na tradição oral europeia e o foco principal dos estudos dos dois pesquisadores não era investigar a gênese dos contos, mas registrar os valores e crenças culturais, folclóricos e religiosos germânicos que estavam ali presentes. O trabalho de coleta e registro dos contos de *Kinder-Und Hausmärchen*, não exime Jacob e Wilhem Grimm de terem certo grau de autoria nas narrativas, que assim como Charles Perrault, lidam com temáticas obscuras e polêmicas que, em um primeiro momento, não deveriam fazer parte de um conteúdo literário destinado a crianças. O presente artigo, vinculado à pesquisa desenvolvida no Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG – Regional Catalão analisa a maneira que a obra *Kinder-Und Hausmärchen*, de Jacob e Wilhem Grimm, instrumentaliza o medo por meio de elementos como a violência, assassinatos, conspirações, ambição, mutilações, canibalismo e feitiçaria que são utilizados por agentes do mal (representados por lobos, monstros, bruxas e madrastas) em alguns de seus contos mais conhecidos pelo grande público. É importante notar que nos contos dos Grimm, a luta do bem contra o mal é apresentada de modo que no final da história, o bem prevalece por meio de um desfecho moralizante.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Irmãos Grimm; Medo.

A caracterização da literatura fantástica, de acordo com Roas (2012, p. 117), estabelece-se, essencialmente, por relatar situações e fenômenos que transgridem a concepção realista com narrativas impossíveis e inexplicáveis racionalmente. O autor ainda chama atenção para o efeito fundamental do fantástico: a transgressão do real.

A partir de uma perspectiva mais abrangente, a literatura fantástica, conforme explica Ana Luiza Silva Camarani (2013, p. 16), refere-se às criações imaginárias, diretamente inerentes ao insólito e ao sobrenatural, as quais estão expressas em diversos estilos literários, como o Maravilhoso, a Fantasia, o Realismo Mágico, o Gótico, e até mesmo no Fantástico, em sentido estrito enquanto gênero. Dentro desse contexto, é conveniente destacar o entendimento de Andre Jolles (1976), segundo o qual essa forma de narrativa apresenta, essencialmente, características simples, maravilhosas,

¹ Mestrando do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

contextualizadas literariamente em tempos e espaços indeterminados ou indetermináveis. Toda essa subjetividade dos contos de fadas aparece refletida também nos personagens ali inseridos.

Os contos de fadas, ou contos maravilhosos, são um estilo literário aparentemente simples, mas cheio de elementos subjetivos que proporcionam amplas interpretações e estudos. Alguns escritores, como, por exemplo, Charles Perrault, Hans Christian Andersen, Lewis Carroll e os irmãos Grimm, focaram suas obras nesse gênero, e, atualmente, são considerados como clássicos.

Os estudos de Wladimir Propp (1984) oferecem importantes contribuições para a teoria da literatura no que diz respeito ao conto maravilhoso. Observando as obras de escritores canonizados pela teoria literária, o autor conseguiu identificar uma série de elementos recorrentes nessas estruturas narrativas, os quais são essenciais no processo de construção da moralidade dos contos, de uma maneira geral.

A estrutura dos contos de fadas e a maneira como seus personagens são desenvolvidos dentro dessas narrativas representam um ambiente complexo, permeado por elementos psicológicos, sociais e culturais, conforme as considerações de Franco e Oliveira (2014, p. 465). As naturezas benévolas ou malevolentes são antagônicas e não são apresentadas simultaneamente, em um mesmo personagem, que pratica funções determinadas ao longo da história (FRANCO; OLIVEIRA, 2014, p. 466). As funções antagônicas são essenciais dentro do universo dos contos de fadas, que se utilizam da luta constante entre o bem e mal para desenvolver as narrativas, e que proporcionam meios através dos quais o leitor pode interpretar as mensagens transmitidas pelo escritor.

Nas palavras de Andre Jolles (1976, p. 181), o lançamento da coletânea dos irmãos Grimm, chamada de *Kinder-und Hausmärchen*, foi o momento decisivo para que o conto fosse revestido com o sentido de forma literária determinada. O autor ainda chama atenção para os diversos desdobramentos que essa narrativa pode apresentar, tais como contos de fadas, de magia e fantasmagoria, narrativas para pequenos e grandes, histórias e anedotas.

Em relação ao corpus dos contos que compõem o legado literário dos irmãos Grimm, Jack Zipes (2014, p. 5) salienta que a terminologia “contos de fadas” (em alemão, *Feenmärchen*), em um sentido estrito, deve ser utilizada com cautela, pois Jacob e Wilhelm Grimm nunca fizeram uso dessa expressão para se referirem às histórias que compõem *Kinder-und Hausmärchen*. Segundo o autor, a coletânea dos Grimm reúne contos maravilhosos em um sentido amplo, com lendas pagãs e religiosas (a partir de uma

tradição judaico-cristã), anedotas, fábulas, contos mágicos (*Zaubermärchen*) e mitos, destinados a um público infantil e adulto.

Segundo Maria Tatar (1987, p. 3), a experiência literária de um adulto, após um primeiro contato com uma versão mais crua da primeira edição de *Kinder-und Hausmärchen*, de 1812, poderia ser chocante. Isso porque ocorreram diversas modificações no texto redigido pelos irmãos Grimm nas edições subsequentes, de modo a suavizar as narrativas e suas descrições de assassinatos, mutilações, canibalismo, infanticídio e incesto, características que estavam presentes nas páginas desse livro de contos tão peculiar, que foi destinado essencialmente ao público infantil com o passar do tempo.

A crueldade dos contos dos Grimm representa um elemento que deve ser visto com extremo cuidado, pois, em geral, os agentes causadores de alguma opressão maligna são representados por uma figura feminina, como podemos perceber em contos clássicos como “Branca de Neve” (“*Schneewittchen*”), “João e Maria” (“*Hänsel und Gretel*”), “A Bela Adormecida” (“*Dornröschen*”), “Cinderela” (“*Aschenputtel*”), “Rapunzel” (“*Rapunzel*”), entre outros. Dentro desse contexto literário, é interessante mencionar que outros autores clássicos também se utilizaram de vilãs como personagens de impacto em suas obras, como, por exemplo, Hans Christian Andersen, em “A Pequena Sereia” (“*Den lille havfrue*”), de 1837, e Lewis Carroll, em *Alice no País das Maravilhas* (*Alice’s Adventures in Wonderland*), de 1865.

Dos contos de *Kinder-und Hausmärchen*, “Branca de Neve” talvez seja o mais conhecido, conforme explica Adelimo Brandão (1995, p. 107). Reforçando esse entendimento, ao oferecer uma perspectiva psicanalítica, Bruno Bettelheim (1991, p. 253) afirma que “Branca de Neve” é, de fato, um dos mais famosos dos contos de fadas, em virtude de estar presente em vários continentes e nas mais diversas línguas, adequando-se ao contexto cultural e folclórico de cada país.

No conto dos irmãos Grimm, os poderes mágicos da Madrasta são limitados a sua interação com o espelho, que mostra diariamente quem é a mais bela do reino, até o dia em que este afirma que a princesa Branca de Neve, então com sete anos de idade, é mais bonita. Assim, começa toda conspiração por parte da Madrasta para matar sua enteada.

A figura da Madrasta má aparece em outros contos bastante conhecidos de *Kinderund Hausmärchen*, como, por exemplo, “Cinderela”, “Rapunzel”, “João e Maria”. Mas, conforme afirma Silima Nanda (2014, p. 246), a quantidade de madrastas más nos contos de fadas, de uma maneira geral, é incalculável. Ainda segundo Nanda (2014, p.

247), nos contos de fadas, as madrastas materializam sentimentos negativos e repulsivos, tais como inveja, vaidade e orgulho, e possuem algum conhecimento sobre rituais de magia negra.

O conto “Cinderela” consegue transcender a imagem da Madrasta má, com as meiasirmãs, que são igualmente desprezíveis por oprimirem a menina (homônima à história), pelo simples fato da humilde menina ser mais bonita. Durante toda a história, Cinderela é submetida a trabalhos forçados e humilhações, tanto por parte da Madrasta quanto das meiasirmãs.

Assim como no conto “Branca de Neve”, a origem de “Cinderela” é incerta, em razão de versões semelhantes dessa narrativa estarem presentes em vários países. Os irmãos Grimm apresentam uma peculiaridade em relação aos demais registros dessa história, na qual a Madrasta má aconselha as meias-irmãs de Cinderela a cortarem um pedaço dos pés para tentarem fazer com que o sapato de cristal lhes servisse e, então, uma delas se casasse com o Príncipe, no lugar de Cinderela.

Segundo Maria Tatar (1987, p. 144), há uma relação de interdependência entre as caracterizações das bruxas e das madrastas nos contos dos Grimm, de uma maneira geral. Segundo a autora, é fácil perceber diferentes denominações para um mesmo personagem que aparece em narrativas distintas. As vilãs são referidas como bruxas, rainhas, madrastas e sogras, e possuem o mesmo perfil maligno, opressor e tirano.

Na versão dos Grimm de “João e Maria”, existe a Madrasta má que abandona os dois enteados na floresta, onde os mesmos passam a ser perseguidos por uma Bruxa, que quer devorá-los. O canibalismo também aparece de forma recorrente em vários contos de Kinderund Hausmärchen, pois consegue traduzir a crueldade instintiva do ser humano. Mais uma vez, destaca-se o conto “Branca de Neve”, no qual a Rainha deseja comer o fígado e os pulmões de sua enteada.

Nesse sentido, o conto “A Sogra” (“*Die Schwiegermutter*”) é uma macabra narrativa presente na primeira versão de Kinder-und Hausmärchen, que narra a história de um rei que deixa sua esposa e seus filhos hospedados no castelo de sua mãe, enquanto viaja. Mas esta desenvolve um apetite insaciável por carne humana, e decide comer os netos e a nora.

Tendo em vista os estudos de Tatar (1987, p. 144), o conto “Doze Irmãos” também é considerado peculiar, pois consegue reunir a figura da madrasta e da bruxa em uma só personagem, simultaneamente, que, em um primeiro momento da narrativa, é apresentada como uma heroína, mas, posteriormente, revela-se como a vilã da história.

Jacob e Wilhem Grimm apresentam “Rapunzel” como uma história perturbadora, que oferece inúmeros elementos que podem ser objeto de estudo, tais como relações familiares, fé, espiritualidade e crueldade. No que diz respeito ao agente do mal no conto, a figura da bruxa é bastante singular, pois, dentro da narrativa, demonstra, ao mesmo tempo, amor e ódio por Rapunzel.

A vingança e a inveja também estão expressas de uma maneira peculiar em “A Bela Adormecida”. O conto descreve as consequências de uma maldição que uma bruxa, para se vingar dos reis por não ter sido convidada para uma festa no palácio, lança sobre uma princesa recém-nascida. A narrativa, em si, é muito subjetiva na caracterização do limite entre o bem e o mal, em razão de a bruxa ter revelado meios para que o feitiço fosse quebrado. Os estúdios de cinema Disney lançaram, em 2014, o filme Malévola (Malificent), que traz uma nova versão do conto dos irmãos Grimm, utilizado como hipotexto para justificar as maldades da bruxa da história.

Para Maria Tatar (1987, p. 4), a grande quantidade de vilãs nos contos de fadas oferece uma perspectiva equivocada, que não pode ser classificada como uma regra geral, especialmente no caso de Kinder-und Hausmärchen, que oferece alguns exemplos de atos cruéis praticados por personagens masculinos, muitas vezes representados por pais e irmãos. A autora ainda explica que não há limites para a crueldade praticada nos contos de fadas, de uma maneira geral (TATAR, 1987, p. 5). Pode-se citar como exemplo um conto pouco conhecido dos irmãos Grimm, “A água de vida” (“*Das Wasser des Lebens*”), que narra uma violenta contenda entre irmãos, motivada por inveja e ambição.

O conto conhecido no Brasil como “O Flautista de Hamelin” (“*Die Kinder zu Hameln*”)² pode ser considerado como um dos mais peculiares no universo literário dos irmãos Grimm, pois sua publicação foi singular em 1816, e não consta nas primeiras edições de Kinder-und Hausmärchen. A narrativa descreve uma antiga lenda acerca do desaparecimento de crianças na cidade de Hamelin, em 1384. É interessante destacar que esse é o único conto dos irmãos Grimm que oferece, precisamente, o local e a data dos acontecimentos.

De acordo com a versão dos Grimm, o prefeito de Hamelin contrata um flautista para livrar a cidade de uma infestação de ratos. Entretanto, o preço acordado não foi pago,

² Em uma tradução livre do título em alemão, “*Die Kinder zu Hameln*” significa “As crianças de Hamelin”. Segundo informações da página acadêmica de D. L. Ashliman, há uma segunda versão do conto que recebeu o título de “*Der Rattenfänger*” (O encantador de ratos), que foi publicada na obra *Deutsche Sagen*, em 1816.

após a obrigação acordada ter sido cumprida. O Flautista, que em um primeiro momento aparece como herói, passa a figurar como vilão a partir do momento em que decide se vingar pelo inadimplemento do trato, e desaparecer com todas as crianças que ali viviam.

A intertextualidade bíblica é apontada por Adamson (2013), em razão de oferecer novas perspectivas para essa macabra narrativa sobre crueldade contra crianças. O autor destaca o versículo que narra a matança de bebês judeus por ordem de um rei, quando, por toda a cidade, era possível ouvir as vozes inconsoláveis das mães, que lamentavam a perda de seus filhos, conforme consta na Bíblia, no Evangelho segundo Mateus, capítulo dois, versículo dezoito.

No que diz respeito aos contos de Kinder-und Hausmärchen, ao lado de “Branca de Neve”, a versão dos Grimm para “Chapeuzinho Vermelho” (“*Rotkäppchen*”) é considerada como uma das mais famosas mundialmente, em virtude já ter sido narrada por grandes escritores, como Charles Perrault.

O conto “Chapeuzinho Vermelho” (“*Le Petit Chaperon Rouge*”), de Charles Perrault, foi publicado em 1697, na obra *Histoires et contes du temps passé, avec des moralités* (Contes de mamère l'Oye)³. É considerada como uma das versões mais sombrias e cruéis (segundo o entendimento de pesquisadores como Maria Tatar (2012, p. 33) e Jack Zipes (1983)), especialmente porque a história termina com o Lobo Mau devorando Chapeuzinho Vermelho. A inovação feita pelos irmãos Grimm foi acrescentar o Caçador, que salva a menina e a sua avó, após ambas serem devoradas pelo lobo, ao abrir a barriga do mesmo com uma tesoura.

A narrativa de Perrault trata-se do primeiro registro escrito. Mas é conveniente destacar que o conto já existia na tradição oral europeia, tendo em vista que várias versões do mesmo eram floreadas com elementos grotescos e violentos, que foram amenizados por Perrault e pelos irmãos Grimm, conforme explica Tatar (2012, p. 33-34). Alguns rearranjos foram feitos de modo que um conteúdo moralizante ressoasse claramente, de maneira edificante.

Segundo as palavras de Tatar (2012, p. 34),

Críticos desta história foram levianos em relação a seus elementos, exibindo ilimitada confiança em suas interpretações. Não há dúvida de que o próprio conto, ao descrever um conflito entre uma protagonista fraca, vulnerável, e um antagonista grande, poderoso, presta-se a certa elasticidade interpretativa. Mas a multiplicidade de interpretações não inspira confiança, alguns críticos vendo

³ Em uma tradução livre, o título em francês *Histoires et contes Du temps passé, avec des moralités* (Contes de mamère l'Oye) significa Histórias ou contos do passado com moral (Contos da Mamãe Ganso).

na história uma parábola do estupro, outros uma parábola de misantropia, outros ainda um projeto para o desenvolvimento feminino (TATAR, 2012, p. 34).

A representação do mal por meio de um predador, como o lobo, reforça bastante a preocupação em estruturar um contraste entre o bem e o mal nesses contos folclóricos, sendo comum atribuir à personagem características como grande e mau, para cristalizar o antagonismo desse animal dentro da narrativa.

Em *Kinder-und Hausmärchen*, é possível identificar a personagem definida como Lobo Mal, em "O lobo e os sete cabritinhos" ("*Der Wolf und die siebenjungen Geißlein*"). Nesse conto, o vilão da história devora os filhotes de uma cabra, quando a mãe ausenta-se por um momento.

É conveniente lembrar, aqui, outros dois contos populares que são bastante conhecidos mundialmente e que reforçam o estereótipo do Lobo Mal retratado nesse universo literário, mas que não constam na coletânea dos irmãos Grimm. O clássico "Os três porquinhos" foi escrito por Joseph Jacobs, no ano de 1890. Já em 1936, o escritor russo Sergei Prokofiev publicou "Pedro e o Lobo", que narra a história de um menino que consegue capturar um lobo que aterrorizava a floresta.

O fantástico é um gênero literário que lida diretamente com as transgressões da realidade racional por meio de narrativas inexplicáveis, impossíveis, improváveis e, até mesmo, incoerentes. A literatura fantástica é o meio de expressão das criações imaginárias, que se referem ao insólito e ao sobrenatural, constituindo um processo do qual é possível perceber diversos desdobramentos de outros estilos literários, tais como o maravilhoso, a fantasia, o realismo mágico, o gótico, entre outros.

O conto maravilhoso aparece inserido no contexto em tela como um forte representante desse estilo literário, profundo e amplo. Por meio de narrativas simples e diretas, personagens complexos são permeados de valores simbólicos sociais, religiosos, místicos, folclóricos e culturais, que contribuem, em conjunto, para estruturar o processo de construção e transmissão de uma moralidade específica.

Os contos maravilhosos, com todas suas subdivisões, encontram na obra dos irmãos Grimm, *Kinder-und Hausmärchen*, um grande representante desse estilo literário, em razão de se tratar de uma vasta coletânea de contos populares. Essa obra, em especial, chama a atenção em razão de apresentar de forma bem acentuada a luta do bem contra o mal, o que se faz presente em todas suas narrativas. E o bem sempre prevalece, transmitindo, dessa maneira, a moralidade, tão característica dos irmãos Grimm, por lidarem com questões de ordem religiosa, de tradição judaico-cristã, e também pagã.

O mal, no universo literário dos irmãos Grimm, representa um elemento peculiar, que é objeto frequente de estudos em razão de expressar, através de personagens, a crueldade e o medo, que são essenciais para afetar o leitor de maneira aterrorizante. Em *Kinder-und Hausmärchen*, os agentes do mal, tais como lobos, bruxas, monstros, madrastas e sogras, são responsáveis por instrumentalizar o medo, de um modo geral, através de violência, assassinatos, mentiras, conspirações, vingança, rituais de magia negra, canibalismo e mutilações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADAMSON, Mary Troxclair. *The Legend of the Pied Piper in the Nineteenth and Twentieth Centuries: Grimm, Browning, and Skurzynski. The Looking Glass: New Perspectives on Children's Literature (ISBN 1551-5680), Vol 17, No 1.* 2013. Disponível em: <<http://www.lib.latrobe.edu.au/ojs/index.php/tlg/article/view/390/383>>. Acesso em: 18 mar. 2015.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas.* 1976. Tradução de Carlos Humberto da Silva. 4. ed. Lisboa, Portugal: Bertrand Editora, 1991.
- BRANDÃO, Adelino. *A presença dos Irmãos Grimm na literatura infantil e no folclore brasileiro.* São Paulo: IBRASA, 1995.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. *Gótico, fantástico e realismo mágico: teorias e poéticas.* In: LEONEL, Maria Célia. GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. (Org.). *Modalidades da narrativa.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p 13-51.
- JOLLES, André. *Formas simples.* São Paulo: Cultrix, 1976.
- NANDA, Silima. *The Portrayal of Women in the Fairy Tales.* In: *The International Journal of Social Sciences and Humanities Invention.* Volume 1 issue 4 2014 p.246-250. ISSN: 23492031. Disponível em: <<http://valleyinternational.net/thijsshi/v1-i4/7%20theijsshi.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2015.
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso.* Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.
- TATAR, Maria. *Contos de Fadas. Edição Comentada e Ilustrada. Edição, introdução e notas Maria Tatar. Tradução por Maria Luíza X. de A. Borges.* Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. *The Hard Facts of the Grimms' Fairy Tales.* Princeton, NJ: Princeton University Press, 1987.
- ZIPES, Jack David. *A Second Gaze at Little Red Riding Hood's Trials and Tribulations. The Lion and the Unicorn 7–8 (1983–84): 78–109.* Disponível em: <http://iscte.pt/~fgvs/Zipess_SecondGaze.pdf>. Acesso em 09 de maio de 2015.
- _____. *Grimm Legacies: The Magic Spell of the Grimms' Folk and Fairy Tales.* Princeton Press University, 2014.